

OS SOBRADOS DA RUA ELISEU PRESTES CÉSAR

Como sabem, sou o último torcedor da Prudentina, time que disputou as séries principais do futebol paulista até os anos 60, não sem antes deixar como legado a Prudentina de Franca, clube infantil que tinha até biblioteca no porão da casa dos meus pais à rua Júlio Cardoso.

Por isso, havia um sabor misto de curiosidade infantil, nostalgia e jornalismo investigativo em redescobrir como estão os sobrados que povoaram minha imaginação na infância, quando ainda brincava de bola descalço no quintal da casa da rua José Bonifácio, mostradas em velhas fotografias em preto e branco mal impressas com imagens reproduzidas em clichês de chumbo derretido em jornais como “A Gazeta Esportiva” (técnica que só o Marquinho Derruci deve conhecer hoje). Como o estádio da Prudentina não tinha iluminação, os jogos eram sempre disputados no período da tarde, sob o céu azul e luminoso do oeste do estado de São Paulo, em Presidente Prudente. Encimando as arquibancadas, havia um modesto conjunto de sobrados, provavelmente construídos por algum investidor em busca de lucros, iguais e em sequência, colados no alto do estádio, de onde certamente se podiam ver as partidas do campeonato paulista de futebol. Estive lá uma única vez, por isso minha lembrança desse dia pouco guardou dos sobrados. O estádio da Prudentina chamava-se Félix Marcondes Ribeiro e não resistiu à modernização do clube, com o fim do futebol profissional foi demolido.

Mas as fotos não, as fotos estão impregnadas pela lembrança etérea dos sobrados da rua Eliseu Prestes César, cujo aspecto atual a maravilha da tecnologia do Google Earth permitiu rever. Estavam sempre ao fundo dos times perfilados e garbosos com os gloriosos uniformes da Prudentina, como um cenário a refulgir sob o sol inclemente das tardes em que “Brasil está vazio na tarde de domingo, né”, como dizem os versos de Milton Nascimento e Fernando Brant para a trilha sonora do filme “Tostão, a fera de ouro”, documentário sobre o maior craque da história do Cruzeiro, dirigido por Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, com texto de Roberto Drummond.

Nunca soube quem os construiu, quem ali morou ou mora. Sequer se seus moradores eram interessados em futebol e se assistiam aos jogos sem pagar ingresso. Hoje, os sobrados estão muito diferentes dos tempos de ouro do time da Prudentina, foram modernizados, atualizados. Mas continuam lá, como testemunhas silenciosas de um tempo paralisado em preto e branco que se esvai, mas deixou marcas em todos que viveram aqueles tempos, de alegria singela e esperanças genuínas dentro de um gramado mágico deste último torcedor da Prudentina, fragmento de uma vida que vale a pena ser vivida.

Mauro Ferreira é arquiteto